

O ENSINO DE ARTE: DA PANDEMIA A PLATAFORMIZAÇÃO

Brenda Lima Marmentini, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

INTRODUÇÃO

Com intenção de pesquisar sobre o trabalho pedagógico de professores durante o período pandêmico, foi redigido um questionário vinculado ao projeto de pesquisa “Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais de formação”(EFAC), resultando em mais de 300 respostas. Neste trabalho, escolhemos abordar as perguntas número dez e onze, referentes aos usos de plataformas digitais durante a pandemia: “10-Em sua prática docente você utiliza/utilizou durante a pandemia ou posteriormente ferramentas e/ou materiais educativos e visuais de espaços expositivos?” e “11- Se respondeu sim na pergunta anterior: quais ferramentas e/ou materiais são/foram utilizados em sua prática docente?” A escolha limitada de perguntas abordadas se dá pelo número extenso de respostas. Esses dados serão analisados por meio da linha teórica dos projetos de pesquisa mencionados previamente: a pedagogia histórico-crítica. Especificamente, os textos de Saviani (2011) e Machado e Silva (2023) para o enraizamento teórico e sua relação com o sistema educacional contemporâneo. Para melhor entendimento do efeito das novas tecnologias na docência, o texto de Reis (2025) discorre como a plataformização limita a prática de um profissional, do ponto de vista do desvio do recurso público para a iniciativa privada. Assim, o trabalho presente apresenta o processo de produção dos questionários e uma análise de suas respostas, ressaltando as tendências no uso de plataformas entre professores de arte.

DESENVOLVIMENTO

Como abordado previamente, ambas as perguntas foram analisadas pelo viés teórico da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2011). Com bases materialistas, a linha teórica procura a educação emancipatória por meio do fomento ao pensamento crítico, de modo que a escola e o currículo proponham saberes sistematizados e sintetizados pelo professor. Ao analisar o texto de Machado e Silva (2023) é possível identificar investimentos da iniciativa privada na educação pública, buscando influenciar seus documentos oficiais. Em relação ao uso de tecnologias no contexto escolar, o domínio das big techs é aparente, por esse ponto de vista Reis (2025) analisa a dinâmica da plataformização, a implementação de plataformas digitais no meio educacional, nas escolas de São Paulo. O autor afirma que o gerencialismo da educação brasileira é um projeto de origem nos anos 1990, entretanto o uso descontrolado de plataformas digitais pelo docente (dentro e fora de sala) pode exacerbar esse processo. Nota-se que a plataformização foi impulsionada pela COVID-19 e a necessidade de meios digitais no isolamento, assim este texto foi relevante para a análise de dados. A pergunta dissertativa gerou 215 respostas variadas, porém foi possível identificar certas ferramentas recorrentes. Com esses padrões, foram criadas categorias para agrupar as respostas em prol de uma melhor análise: Museus

Virtuais, Materiais Pedagógicos, Ferramentas Digitais Diversas, Ferramentas Digitais de Comunicação, Vídeos Educacionais Diversos e Sites de Espaços Culturais e Artistas.

RESULTADOS

Na pergunta objetiva, foi observado que 63,2% professores responderam sim, tal número é esperado, levando em conta o período de quarentena. A segunda pergunta obteve os seguintes dados para cada categoria: 29,1% em Museus Virtuais, 18,7% em Sites de Espaços Culturais e Artistas, 14% em Materiais Pedagógicos, 10,7% em Vídeos Educacionais Diversos, 10,3% em Ferramentas Digitais de Comunicação e 2,8% em Ferramentas Digitais Diversas. Infelizmente houve uma quantidade de respostas que não se referiram à pergunta apresentada ou em nulo, fazendo com que 14% das respostas fossem descartadas.

É importante notar a recorrência nas respostas de plataformas ligadas a empresa Google, como Google Classroom e e outros. Em algumas escolas, o uso dessas plataformas foi imposto para manter a uniformidade entre docentes, sendo que elas ainda permanecem pós-pandemia. Tal padrão é um tanto preocupante, considerando a situação de monopólio da companhia e suas conexões já estabelecidas com a educação básica brasileira por meio da Base Nacional Comum Curricular (2018). Como aponta Reis (2025), as tendências gerencialistas no ensino são uma constante crescente e o movimento tecnicista imposto por filantropos ou *big techs* implementa dispositivos digitais que, no caso da plataformização, tendem a esvaziar as aulas de conteúdos de arte e limitar o que um docente pode apresentar em sala de aula. Vê-se por meio de Silva e Fernandes (2022) que os professores de artes visuais já são limitados em sala por currículos que focam no “aprender a aprender”, tirando o protagonismo do professor e propondo aulas vazias de conteúdo. Reis continua tal raciocínio alegando que a plataformização é mais uma dessas limitações. Contudo, necessita-se frisar a “neutralidade” da tecnologia, ela de fato ajudou diversos professores no período pandêmico. Porém, o docente precisa se manter atento a quem deseja interferir na educação pública e se seus planos vão de encontro ao ensino de arte crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi relatado como se deu a formação e análise de duas perguntas em um questionário para professores de Artes da educação básica, por uma visão materialista, foi possível ver que ferramentas digitais os docentes utilizaram na pandemia e como tais podem indicar um aumento na plataformização. que pode restringir a docência dos professores de artes visuais, de modo que os conteúdos sejam esvaziados do pensamento crítico.

Palavras-chave: Arte; tecnologias; plataformização; COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

MACHADO, R., & SILVA, R. H. dos R. (2024). O empresariado como sujeito oculto da Base Nacional Comum Curricular: uma análise histórico-crítica da política educacional curricular brasileira. *Germinal: Marxismo E educação Em Debate*, 16(3), 354–374.

REIS, D. M. Educação Plataformizada: novos contornos da Política Educacional do Estado de São Paulo. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 34, n. 78, p. 191–209, 2025. DOI: 10.21879/faceba2358-0194.2025.v34.n78.p191-209. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/faceba/article/view/22785>. Acesso em: 11 ago. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. Observatório da Formação de Professores de Artes Visuais: um estudo da materialidade das condições de trabalho do professor de Arte no Brasil. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 13–29, 2022. DOI: 10.5965/2175234614322022013. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/21190>. Acesso em: 26 ago. 2025.

DADOS CADASTRAIS

Bolsista: 1010612209

Modalidade de Bolsa: PROBIC/UDESC (IC)

Vigência: 01/12/2023 a 31/08/2025

Orientadora: MARIA CRISTINA DA ROSA FONSECA DA SILVA

Centro de Ensino: CEART

Departamento: DAV

Áreas de Conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Artes

Título do Projeto de Pesquisa: ESPAÇOS EXPOSITIVOS DE ARTE

CONTEMPORÂNEA, DIÁLOGOS COM AMBIENTES VIRTUAIS DE
FORMAÇÃO

Nº Protocolo do Projeto de Pesquisa: NPP3953-20